

ARTIGO

A ANTINOMIA FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A *VISÃO EM PARALAXE* DE SLAVOJ ŽIŽEK

Simone Carlos da Silva

Bacharel em Filosofia pela UVA
simonecarlos_102006@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a proposta metodológica erigida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, que analisa a consideração da antinomia, ou seja, de uma *lacuna paraláctica*, algo fundamental em nossa interpretação do real. A *paralaxe* refere-se ao pensamento da diferença, o pensamento que tem por função afirmar as antinomias que existem na realidade, sem tornar-se uma nova posição ou ainda fazer defensiva a uma das posições contrárias. Nesse sentido, nosso estudo se baseia numa análise da primeira parte da obra *Visão em paralaxe* (2006), intitulada: *A paralaxe estelar: as armadilhas da diferença ontológica*, seção em que Žižek defende a proposta de uma crítica permanente sobre o real que possibilite sempre o salto entre uma filosofia e outra, mas um salto consciente por reconhecer que não há uma verdade permanente sobre o real.

Palavras-chave: Paralaxe. Materialismo Dialético. Paralaxe Filosófica.

INTRODUÇÃO

O esloveno Slavoj Žižek é um dos filósofos mais influentes da atualidade¹. Embora tenha ganhado visibilidade global há apenas alguns anos, sua trajetória biográfica e intelectual já é bem extensa. Possuidor de uma escrita controversa e provocativa, Žižek crê que essa é a melhor forma de intervenção no real, sendo este considerado como uma oposição à realidade social diária, uma negação da ordem simbólica que na forma de uma *Realidade Virtual* destitui o ser de sua própria substância. Sua forma de pensar a realidade o torna conhecido como um intelectual radical e polêmico, ostentando títulos que corroboram com essa ousadia e autenticidade. Não foi por acaso que a revista neoconservadora americana *New Republic* o denominou de “o filósofo mais perigoso do Ocidente” e o jornal britânico *Observer* o chamou de “o messias

¹ Tema de vários documentários de televisão, Žižek ostenta uma rotina pesada de aparições e palestras públicas lotadas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, e que recebem centenas de milhares de acessos pelo *You Tube*. Atualmente, com sua obra traduzida para cerca de vinte línguas, embora suas ideias geralmente sejam complexas, nenhum outro filósofo contemporâneo se iguala a ele em popularidade (KUL-WANT, 2012, p. 4).

superstar da nova esquerda”. Sua capacidade de transitar pelos diversos campos do conhecimento não deixa dúvidas de que o filósofo esloveno faz jus aos títulos. Da história da filosofia à psicanálise, perpassando as áreas do cinema, sociologia e política, Žižek traçou um projeto teórico denso e impossível de não ser identificado com a contradição, uma vez que passa de um assunto a outro sem que seja preciso uma mediação, ou mesmo um fundamento neutro comum.

Da transição por esses campos distintos de saber, a síntese esperada equivale à própria afirmação de suas diferenças, ou seja, a afirmação de uma *lacuna paraláctica* ou *antinomia² fundamental*, que nunca pode ser dialeticamente mediada. Isso se explica pelo fato de que, para Žižek, duas ou mais posições não podem ser afirmadas ao mesmo tempo, no momento em que uma estiver em evidência a outra estará servindo apenas como pano de fundo.

Como exemplo disso, podemos citar duas histórias mencionadas pelo autor na introdução da obra em análise, *A Visão em Parallaxe*:

Um historiador da arte espanhol descobriu o primeiro uso da arte moderna como forma deliberada de tortura: Kandinsky e Klee, assim como Bunuel e Dalí, inspiraram uma série de celas secretas e centros de tortura construídos em Barcelona em 1938, obra do anarquista francês Alphonse Laurenčič [...], que inventou um tipo de tortura “psicotécnica”: ele criou as chamadas “celas coloridas” como contribuição a luta contra as forças de Franco (ŽIZEK, 2008, p. 13)

A essa história soma-se uma curiosa teoria sobre a morte de Walter Benjamin, que desmente os relatos de que o filósofo havia se matado em 1940, numa aldeia de fronteira espanhola. Segundo essa história, Walter Benjamin fora na verdade morto por agentes de Stalin em busca dos manuscritos de uma temida obra, *Sobre o conceito de história*, considerada pelo líder russo como “devastadora” ao pensamento marxista.

Ambas as histórias, segundo Žižek, demonstram a ambiguidade do real, pois atestam uma antinomia meramente formal em que a tensão não é resolvida. Pois as duas versões dizem algo sobre a realidade social, porém, há um fracasso narrativo expresso na ordem sintomática de não serem compreendidas ao mesmo tempo. A ambiguidade do real é que este pode ser contraditório e mesmo assim manter um sentido, ou seja, há

² A antinomia deve ser compreendida como o *conflito da razão consigo mesma diante de duas proposições contraditórias*, cada uma podendo ser demonstrada separadamente. Para maiores informações Cf. JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 12.

uma necessária contradição que, assim como na dialética hegeliana, na qual ser e nada são apresentados como um trânsito constante de um no outro³, implica na consideração da diferença absoluta como condição ontológica do real. Em Žižek, o caráter da contradição, contudo, só pode ser notado através de uma lacuna intransponível, de modo que podemos dizer que essas duas histórias, para além das características de seu conteúdo – a anedota de Laurenčič, que trata de tortura e terror político e a de teoria sobre a morte de Benjamin, que trata das consequências de uma alta teoria na realidade – estão interligadas. Embora, façam parte de um mesmo fenômeno dizemos que há uma cisão, dois lados, que as impedem de se encontrarem, pois há um *curto-circuito* que as coloca em lados distintos e que exatamente por isso são impossíveis de se encontrarem.

Em termos mais radicais, o que essas duas histórias têm em comum é que o vínculo que criam é um *curto-circuito impossível* de níveis que, por razões estruturais, nunca podem se encontrar [...]. A ilusão em que se baseiam essas duas histórias, a de por dois fenômenos incompatíveis no mesmo nível, e estritamente análoga ao que Kant chamava de “ilusão transcendental”, a ilusão de poder usar a mesma linguagem para fenômenos mutuamente intraduzíveis e que só podem ser compreendidos a partir de uma espécie de visão em paralaxe, de um ponto de vista sempre mutável entre dois pontos entre os quais não há síntese nem mediação possível. (ŽIŽEK, 2008, p. 13)

Apesar de constituírem uma mesma realidade, os fatos citados, são representados, como diz Žižek, de modo até idênticos, porém, se encontram em oposição unicamente pelos lados opostos, o que pode ser comparado ao que ocorre com a *faixa de Moebius*⁴, uma ilusão ótica que Žižek demonstra através da ideia de Lacan sobre a topologia do espaço curvo: “Trata-se de uma faixa de papel com apenas uma superfície, então sua superfície é efetivamente ambos os lados ao mesmo tempo!” (KUL-WANT, 2012, p. 127). Como Žižek argumenta, a questão se desdobra em torno de lacunas, em que um espaço entre essas duas histórias é inevitável, seu nexos deve ser acompanhado por uma lacuna irreduzível e intransponível.

³ Tal unidade é tida por Hegel como a própria realidade, que antes de tudo é dialética, pois a verdadeira realidade se constitui não só de ser e nem só de nada, mas sim de um transpassar de um transpassado ao outro, da passagem constante do ser no nada e do nada no ser. O ser se transforma no nada ao mesmo tempo em que o nada se transforma em ser, de forma que pensar em um deles já é pensar no outro, pois este “cair no outro” é algo tão incessante que não há forma de tê-los separadamente, a isso Hegel chama o devir: o constante nascer-morrer, que faz com que tanto o ser como o nada desapareçam e reapareçam um no outro (Cf. NICOLAU, 2010, p. 149). Assim, “o devir implica que o nada não permaneça como nada, senão que transite a seu outro, ao ser” (HEGEL, 1992, p. 109) e vice-versa.

⁴ A faixa de Moebius é um tipo especial de superfície onde não há lado de dentro ou de fora, ou seja, nela só há um lado e uma única borda que é uma curva fechada. A tal faixa foi descoberta pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Moebius (1790-1868) (Cf. KUL-WANT, 2012, p.128).

Nessa perspectiva, é interessante atentarmos para a cosmovisão žižekiana, enquanto estratégia teórica fundamentada pela psicanálise de Lacan e pela filosofia idealista hegeliana. Do primeiro, Žižek toma emprestado os conceitos de Real, de Simbólico e Imaginário, a tríade puramente estrutural que será plano de fundo indispensável para a compreensão de seus conceitos de sujeito e realidade. Já a herança hegeliana de Žižek ocorre em sua consideração da dialética como ponto de partida para a defesa e retomada do projeto moderno racionalista, que tem como ideal a emancipação humana e a crítica à alienação, própria do sistema em que vivemos hodiernamente.

Assim, a ideia de verdade que permeia o pensamento žižekiano, como uma forma de universalismo fundado sobre um acesso possível ao real, suscita muitos questionamentos acerca de seu pensamento frente a uma sociedade que se determina multicultural, livre, democrática de direito, tolerante etc.

Indo contra as tendências tradicionais da filosofia, Žižek não entende a verdade como um substrato metafísico ou ideia espiritual, ou mesmo um conjunto normativo de regras. Ao contrário, compreende a verdade como uma forma de interferência na ordem simbólica que se expressa através da comunicação, de um conjunto de regras com linguagem, discurso, sistema de signos e de trocas monetárias. Dessa forma, ao realizar a crítica da sociedade pós-moderna, Žižek não pretende normatizar práticas sociais e nem transformar seu pensamento em alguma reflexão institucionalizada.⁵ Mas sim compreender filosoficamente as relações de poder e as ideologias que impedem o sujeito de alcançar sua liberdade.

A posição hegeliano-lacanianiana assumida pelo autor, pretende fundamentar sua teoria da *lacuna paraláctica* e ainda atingir a restauração do materialismo dialético que, segundo o filósofo,

permite outra visão da humanidade propriamente dita, diferentemente da visão do materialismo histórico [...]. Pois é, mais uma vez a relação entre materialismo histórico e materialismo dialético é de paralaxe; eles são

⁵ Notemos, por exemplo, como o pensamento de Žižek não procura, em momento algum, legitimar perspectivas que, no limite, visariam fornecer uma teoria normativa da ação social e das práticas expressivas no interior de um Estado Justo. Žižek pode, no máximo, fornecer as coordenadas gerais de um ato de “modernização política”, mas não há nada em suas dezenas de livros que diga respeito a protocolos de “institucionalização reflexiva” deste ato mediante a normatização reguladora de práticas sociais. Estranho universalismo este que não procura concretizar-se em realidade jurídica alguma, que se desinteressa pelo estabelecimento de regras universalmente compartilhadas e que parece só estar interessado neste ponto de suspensão no qual o ato político descola-se necessariamente do quadro jurídico (Cf. SAFATLE, 2003, p. 181).

substancialmente a mesma coisa, a mudança entre um e outro é pura mudança de ponto de vista (ŽIŽEK, 2008, p. 17).

Žižek identifica nesta teoria a possibilidade de perceber as questões veladas pela ideologia da ordem social contemporânea, indo além das aparências pré-determinadas na visão de mundo atual, que aprisiona o sujeito dentro de um mundo simbólico desprovido de qualquer liberdade, embora seja “dado” a esse sujeito na época pós-moderna a liberdade de desconstruir, duvidar e distanciar-se (ŽIŽEK, 2003, p. 17). Sendo assim, a forma atual de pensamento mascara nossa forma de entender a liberdade e nossa visão do presente que é mistificada em vez de ser pensada.

Na obra *Visão em Paralaxe* Žižek critica a sociedade pós-moderna pela característica principal de uma polarização dos opostos em que a teoria aparece como uma discrepância gigante em relação à prática. Isso porque essa polarização é uma armadilha que condiciona o sujeito a uma visão errônea de si mesmo. Haja vista, segundo o filósofo a série de *paralaxes*, que estão sob domínios diferentes na teoria moderna. Como exemplos cita a física quântica, que considera a lacuna da dualidade entre onda e partícula, e a neurobiologia, que considera a lacuna entre significado e real puro.

Neste sentido é que a estrutura tripartite da obra *Visão em Paralaxe* é elucidada, como forma de evitar que o leitor se perca em meio a uma imensidão de paralaxes. Nesta obra, Žižek vai tratar de três formas de percepção dos mais variados tipos de *paralaxe*: aquela que ele considera ser a maior de todas, ou seja, 1) a *paralaxe da diferença ontológica* ou filosófica, 2) a científica e 3) a política. A primeira diz respeito à concepção que temos da realidade e a segunda às explicações científicas sobre essa mesma realidade, já a terceira, a *paralaxe política* trata do antagonismo social.

Restringimo-nos à tentativa de explicar como se estabelece o método de percepção da realidade em Žižek, sob a posição que ele chama de *paralaxe filosófica*. Uma visão que mesmo à luz do projeto moderno não se detém em afirmar a verdade como detentora de uma visão sócio-histórica positiva, mas antes como uma verdade que interfere no núcleo traumático da esfera da ordem simbólica, provocando assim o que há de mais real, a afirmação da diferença, o impossível, o imprevisível, a *lacuna paraláctica*.

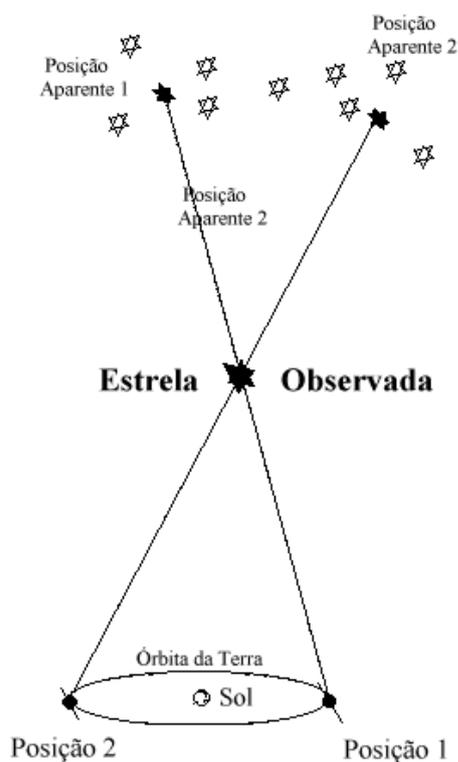
Delimitamos nosso trabalho ao *modus operandi* desse método, ou dessa *visão em paralaxe* em Žižek.

A PARALAXE ESTELAR

A *paralaxe* é um termo moderno usado nas ciências da Física, mais especificamente na astronomia, para explicar o fenômeno do

[...] aparente do deslocamento de um objeto, que ora visto de um ângulo aparece com uma distância e ora visto de outro ângulo tem sua distância alterada em relação à primeira medida, isto é, o objeto muda conforme a mudança de posição do observador (KEPLER; SARAIVA, 2004, p. 135).

Vejamos a ilustração abaixo, a qual representa a paralaxe estelar usada na astronomia como método de visualização aparente da estrela em relação aos objetos que estão ao seu redor. A estrela vista de ângulos diferentes proporciona o resultado da distância aproximada dela em relação ao observador.



(<http://cdcc.sc.usp.br/cda/atividades/vo/paralaxe/index.html>)

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 143-159
--------------	-------	------	-----------------------	------------

A definição padrão de paralaxe é: o deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança de ponto de observação que permite nova linha de visão (ŽIŽEK, 2008, p. 32)

A *paralaxe* enquanto fenômeno físico aparece, assim, como uma síntese entre as posições contrárias, de um observador que está sempre em movimento. Sua medida sempre aproximada representa a distância entre a posição antecedente e a posterior. Em Žižek, a transferência da *paralaxe estelar* para o âmbito filosófico surge como uma nova postura diante da visão de mundo existente, onde o sujeito não consegue se perceber nas diferentes visões acerca de uma única realidade. O problema é a falta de um espaço que permita ao sujeito perceber o real, uma vez que este aparece atualmente subvertido na forma de uma realidade virtual que transforma as vidas diárias em realidade esvaziadas de suas substâncias⁶.

A passagem da paralaxe estelar para a filosófica Žižek chama de *paralaxe da diferença ontológica*, que trata da discordância ente o ôntico e o ontológico-transcendental, forjando uma paralaxe filosófica. Nesta surge a paralaxe do desejo, do real, do inconsciente, pois a paralaxe da filosofia, que desde os pré-socráticos jônicos surge como pensamento dos excluídos, dos que não ocupam posição alguma e geram uma tensão, é caracterizada por não assumir identidades positivas e continuar numa posição *paraláctica*. Tal proposta aponta para as diferenças ontológicas, que são irreduzíveis e levam o sujeito a ter diferentes visões de si mesmo e do mundo que almeja interpretar.

Para o autor, a questão em voga de buscar uma verdade absoluta determinada, positiva, desembocou no que hoje vemos como diversos pontos de vistas com pretensões de verdades, uma questão antiga que insiste em separar o sujeito de si mesmo. O autor, fala da incompletude do próprio sujeito que é incapaz de conhecer o todo, e que ao mesmo tempo é impelido pela ordem simbólica a afirmar a positividade

⁶ “A Realidade Virtual simplesmente generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de sua substância: oferece a própria realidade esvaziada de sua substância, do núcleo duro e resistente do Real- assim como o café descafeinado tem o aroma e o gosto do café de verdade, a Realidade Virtual é sentida como a realidade sem o ser” (ŽIŽEK, 2007).

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 143-159
--------------	-------	------	-----------------------	------------

de determinadas posições como se fossem a única verdade possível. O sujeito que Žižek reconhece é o lacaniano⁷, que

[...] não se define como uma ordem positiva consciente, ou inconsciente. Também não é o sujeito do enunciado, muito menos aparece onde é dito. É um sujeito desprovido de substância, de um eu que pré-existe como fundamento da subjetividade. O sujeito lacaniano apresenta-se em sua intensidade problemática, num primeiro momento por sua própria constituição, que descentra o “eu” por um Outro não externo ao sujeito. Só se diz “eu” porque há um “não-eu” no próprio sujeito, sendo este portanto, desde seu surgimento, dividido em si mesmo” (BAZZANELLA, 2009, p.25).

Desse modo, a linguagem é pressuposto para o sujeito que só existe na medida em que está inserido na ordem simbólica, dotado de *logos* e capacidade conceitual. Por isso, Žižek, discute que diante do mundo contemporâneo, em que as coisas parecem surgir como seu oposto, e em que a realidade social é vista por diversos âmbitos e composta por fatos sociais complexos, a dificuldade em descrever tal época aparece como um dos maiores obstáculos para a filosofia. Pois a comunicação parece mais um *Cavalo de Tróia*: na medida em que o sujeito a aceita ela o coloniza. Pois só através da ordem simbólica é que esse sujeito determina sua identidade, sua existência. Mas ao adentrar o mundo das regras, o mundo da ética e dos significados da ordem simbólica o sujeito descentra-se de si mesmo e é tomado por um grande outro, invisível que o controla em atos e pensamentos⁸. Esse grande outro, contudo, só existe enquanto o sujeito o pensa e age como se ele existisse. Diante disso a filosofia tem a função, mais do que urgente, de buscar por meio da reflexão o estabelecimento do sujeito autônomo, capaz de se reconhecer, mesmo dentro da ordem simbólica, como capaz de vislumbrar possibilidades e novas perspectivas para a humanidade.

⁷ Para Lacan sujeito, então, se divide em S1 e S2, no sentido que é bem explicado por Lacan: “Podemos localizá-lo (...), esse *Vorstellungsrepräsentanz*, nesse primeiro acasalamento significante que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde, divisão do sujeito – quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento. Há então, se assim podemos dizer, questão de vida e morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário” (LACAN, 1988, p. 207 apud BRUDER; BRAUER, 2007, p. 515).

⁸ A ordem simbólica é composta de dois elementos que atuam simultaneamente: de um lado, um sujeito que é formado por meio da participação na ordem simbólica... e, de outro, um grande outro imaginário que, perpetuamente, mantém a ilusão de que a ordem simbólica é um meio de atingir um significado unitário e a reciprocidade como os outros sujeitos (Cf. KUL-WANT, 2012, p. 63).

A *paralaxe filosófica* representa a tensão do universal consigo mesmo ou a diferença do horizonte ontológico com a realidade ôntica, isto é, essa é a dessemelhança entre o Ser e a existência. Diferença entre o pensamento e o ser. As experiências do humano não condizem com a realidade do Ser, porque o que se busca na teoria contemporânea é a hegemonia e a dominação dos seres. Por isso,

Para descrever os obstáculos encontrados para alcançar a liberdade social e política, Žižek gosta de recontar uma anedota antiga. Um trabalhador da Alemanha oriental consegue um emprego na Sibéria. Sabendo que todas as cartas serão lidas pelos sensores, ele combina com os amigos: “vamos estabelecer um código: se a carta que vocês receberem estiver escrita em tinta azul comum, é verdadeira, se estiver escrita em tinta vermelha, é falsa”. Depois de um mês, seus amigos receberam a primeira carta, escrita em azul. Tudo está maravilhoso aqui. As lojas estão cheias, a comida é abundante, os apartamentos são amplos e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes ocidentais, há muitas garotas querendo ter um caso, a única coisa que eu não consigo obter é tinta vermelha. Para Žižek, esta anedota condensa as dificuldades subliminares de discutir as ideologias que estabelecem os sujeitos na sociedade. Um “sujeito” é alguém que adere a regras e ideias que governam a linguagem, a comunicação e a troca (“a ordem simbólica”) sem estar completamente consciente delas (KUL-WANT, 2012, p.19).

Nesta perspectiva é que o método de Žižek incorre na proposta de uma crítica permanente sobre o real, compreendido como a posição da própria lacuna paraláctica. Essa lógica de uma síntese entre os opostos, capaz de abarcar a realidade como um todo só é possível por meio da filosofia que para Žižek, é ainda capaz de alcançar a verdade, mesmo dentro de um cenário de ceticismo extremo e valores liberais. Porém, diferentemente dos conceitos dissonantes de verdade, tal como é pregado pelas tendências intelectuais e filosóficas atuais, para o nosso autor, o conceito de verdade é algo distinto, diz respeito mais a uma compreensão das relações de poder e da ideologia que controlam a sociedade atual (Cf. KUL-WANT, 2012, p.17). Se hoje percebemos uma realidade fragmentada, marcada por causas que parecem perdidas, é porque nosso ângulo de visão está parado sob uma única posição.

A armadilha mínima da paralaxe é, portanto, a da faixa de Moebius, a do espaço curvo que se dobra sobre si mesmo. Ou seja, a constelação paraláctica mínima. É a da simples moldura: tudo que tem de intervir no Real é uma moldura vazia, de modo que as mesmas coisas que antes vimos “diretamente” são vistas agora através da moldura[...]. Só há uma conclusão capaz de explicar essa lacuna: não existe realidade “neutra” dentro da qual ocorram lacunas, dentro da qual molduras isolem domínios de aparências. Cada campo da “realidade” (cada mundo) é sempre- já emoldurado, visto através de uma moldura invisível. A paralaxe não é simétrica, composta de dois pontos de vista incompatíveis do mesmo X: há uma assimetria irreduzível entre os dois pontos de vista, uma torção reflexiva mínima. Não temos dois pontos de vistas, temos um ponto de vista e o que foge a ele, e o outro ponto de vista

preenche o vazio do que não podemos ver do primeiro ponto de vista (ŽIŽEK, 2008, p. 47).

Dessa forma, Žižek nos propõe pensar o impensável, convidando-nos a perceber a realidade através de uma moldura que abarca a todas as realidades, com suas diferenças e níveis desiguais, uma contradição contemporânea que é afirmada e revista sob uma nova filosofia.

MATERIALISMO DIALÉTICO

A mudança de ângulo do observador, como já vimos através da *paralaxe*, gera uma nova perspectiva da realidade. Não podemos esquecer, contudo, que a alteração é apenas aparente e que essa mudança recai, conseqüentemente, sobre o sujeito que a observa. Essa mudança do sujeito surge a partir de uma visão materialista dialética, pois, como afirma Žižek, a torção reflexiva não é apenas subjetiva, ela reflete também

que a realidade que vejo nunca é “inteira” – não porque grande parte dela me escapa, mas porque ela contém uma mancha, um ponto obscuro, que indica minha inclusão nela (ŽIŽEK, 2008, p. 32).

Na história da filosofia, a posição ontológica do sujeito se configura como uma parte substancial, sendo reservada a ela grande parte das discussões que constitui o conhecimento filosófico. Desde os gregos até a modernidade, as discussões filosóficas se configuram como a busca pelos princípios últimos que explicam tanto o objeto de intriga do sujeito como a este próprio, sendo que um dos maiores conflitos encarados pela filosofia se reflete na forma como de dentro de cada posição o sujeito incessantemente se predispõe a conhecer o seu objeto de inquietação, descrever e descobrir o que é a sua realidade. O surgimento das correntes filosóficas não é mais do que posições sobre as quais o homem se ancorou para perceber a si mesmo e o seu objeto de estudo.

As perspectivas dos idealistas, racionalistas, empiristas, céticos, entre outros, são visões distintas de uma mesma realidade. Essas posições epistemológicas queriam propor a possibilidade do conhecimento, mas na medida em que o tentavam abriam uma cisão considerada entre o sujeito cognoscível e o objeto do conhecimento, porque a contradição entre eles era inevitável. Perdurando de um lado, estava o racionalismo que atestava a plenitude da razão privilegiando-a entre as demais faculdades humanas como

o único fundamento do conhecimento existente, sendo somente o sujeito subjetivo capaz de expressar a verdade.

Do outro lado, contrariando o poderio da razão estava a corrente do empirismo que, privilegiando a experiência, afirmava que todo conhecimento advém da experiência, portanto do objeto. E além dessas, o ceticismo que afirmava um relativismo como verdade absoluta. Essa fissura no modo de conhecer da verdade é provocada, segundo Žižek, pelo objeto incômodo, a causa ausente, o X insondável que solapa toda solução narrativa. A *paralaxe*, além de ser o objeto de inquietação do sujeito permite a restauração do materialismo dialético, na medida em que esse objeto leva o sujeito a uma tensão com seu próprio significado diante das posturas que assume. A prática e a teoria dissonante da realidade atual se tornarão conceitos unitários na medida em que forem sintetizadas por uma lacuna paraláctica que permite o reconhecimento da realidade como incompleta e do sujeito apenas como uma ilusão da realidade simbólica. O materialismo surge enquanto passagem da reflexão determinada para uma determinação reflexiva. Não há verdades metafísicas, nem leis determinadas o que existe é um sujeito que deve reconhecer sua posição sintomática e cisão ontológica. A verdade que subsiste é esta: a de uma realidade incompleta e de um sujeito vazio que precisa da ordem simbólica pra se reconhecer enquanto sujeito e de uma realidade que precisa do sujeito para sustentar a sociedade civil com suas leis e regras.

Desta forma, não é apenas o sujeito quem determina o objeto, mas o objeto também dita esse sujeito. Tentar reduzir uma posição a outra equivale a ultrapassar a lacuna intransponível e a negação do próprio sujeito, posto que esse se fecha num cerco de ideologias com interesses soberanos. O objeto que inquieta é a própria lacuna. Não esqueçamos que a medida da *paralaxe estelar* é a medida aparente, nunca a distância real entre o objeto e o observador. O real é o não todo. Falta ao homem perceber que ele é incompleto e que o real também é incompleto e principalmente que a cisão é ontológica. Essas armadilhas ontológicas estão presentes tanto no objeto como no sujeito. A polissemia do “sujeito” é uma dessas armadilhas, pois na medida em que se apresenta como discurso e razão ele não atende aos seus próprios anseios. Vejamos os seus significados explicados por Žižek:

A própria palavra sujeito tem três significados principais: sujeito como agente autônomo; sujeito como esse mesmo agente submetido (“sujeitado”) a algum poder; e sujeito como tema, assunto. Não é difícil reconhecer nesses

três significados a tríade Real, Simbólico e Imaginário: sujeito puro como “resposta do Real”; sujeito ao significante, submetido à – preso na – ordem simbólica; o material imaginário que constitui a matéria, o “conteúdo” do assunto (ŽIŽEK, 2008, p. 31).

Se o próprio sujeito é incompleto, caracterizado como “sujeito circuncidado interiormente” pelo autor, imagine a tentativa de abarcar a totalidade, a mesma que é impossível de ser abarcada. As diferentes definições de sujeito surgem, aqui, como a própria limitação desse ser ontológico, que na busca de conhecer o todo acaba se reduzindo a simples sujeito do enunciado, sujeito ao nexos restrito do discurso, alienado ao discurso que domina enquanto verdade absoluta.

Essa posição impossibilita a sua própria predicação com relação a si mesmo, pois, enquanto sujeito autônomo, capaz de legitimar sua própria lei e ter sua liberdade, ele recai sobre a realidade idêntica a si mesma, ou seja, o seu conteúdo não coincide com a forma do seu pensamento que repousa sobre a lógica da ideologia. Chegamos ao ponto crítico da questão ontológica. Como pode um ser não conhecer a si mesmo? A resposta vem do objeto observado que representa

um “complemento materialista e reinscreve o sujeito em sua própria imagem sob o disfarce de uma mancha (o cisco objetivado em seu olho). O materialismo não é a afirmação direta de minha inclusão na realidade objetiva [...]; ele reside, antes, na torção reflexiva por meio da qual eu mesmo me incluo na imagem constituída por mim (ŽIŽEK, 2008, p. 32).

O materialismo dialético trabalhado por Žižek sugere que esse ser incompleto conheça uma nova relação com o mundo, conhecendo as mais diferentes posições e sabendo que a que ele ocupa é um ponto de vista dentre muitos outros. Assim, a verdade só existe enquanto ele se perceber numa miríade de pontos de vistas. Quem determina a verdade do ser ou do objeto é uma relação de reciprocidade entre os dois, uma relação dialética que deve ser fundamental no itinerário da Filosofia.

Eis porque Žižek explica que o objeto incômodo é a *paralaxe* e que a filosofia só deve surgir entre os espaços de discussão despontando sempre como método de *paralaxe*, ou seja, uma nova medida em relação às demais. Se na Grécia, a filosofia surgiu para contrariar as explicações mitológicas insuficientes para significar a realidade então hoje ela deve surgir como nova perspectiva diante da relação entre o sujeito e objeto da contemporaneidade.

E como fica essa relação sujeito/objeto (ou sujeito *versus* objeto) na complicada era pós-moderna? Se o sujeito (o homem) se vê bombardeado e

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 143-159
--------------	-------	------	-----------------------	------------

desconstruído, por vezes até anulado, como será a sua visão inserida no objeto (a realidade)? Torna-se o objeto tão destruído, destituído de sentido quanto ele? Ou, totalmente obliterado, vê a si mesmo não mais como uma pequena mancha, mas como um “borrão gigante”, uma “marca imensa” no objeto? O embate é inevitável. Essa relação amor-ódio entre esses dois elementos, tipicamente freudiana, surge em uma série de contextos (SENRA, 2009, p. 155).

A resposta está na dialética hegeliana, como um processo que permite a intervenção do ser dentro de uma nova realidade vislumbrada por ele, sem cair no absurdo, porque esse método diz que o sujeito que age sobre a realidade reflete a si mesmo na medida em que reconhece as posições anteriores e percebe essa mediação no ser-aí, na existência em movimento.

PARALAXE KANTIANA

O potencial crítico da *visão em paralaxe*, segundo Karatani, está na “síntese” entre os contrários realizada por Kant. A paralaxe kantiana acontece, explica Žižek, quando Kant dentro de sua posição histórica decide afirmar as antinomias racionalismo/empirismo, ao invés de escolher um dos termos para fazer defensiva a uma posição determinada, detentora de uma verdade absoluta. A síntese apontada por Kant, longe de ser uma solução positiva, é, antes, uma lacuna intransponível entre a *coisa em si* e o *fenômeno*⁹.

O que Kant faz é mudar os próprios termos do debate; sua solução – a virada transcendental – é única porque, em primeiro lugar rejeita o fechamento ontológico: ela reconhece certa limitação fundamental e irreduzível (“finitude”) da condição humana, e é por isso que os dois polos, o racional e o sensível, o ativo e o passivo, nunca podem ser totalmente mediados – conciliados – a “síntese” das duas dimensões (o fato de a nossa Razão parecer se ajustar à estrutura de realidade externa que nos afeta) sempre se baseia em certo “salto de fé”. Longe de designar a “síntese” das duas dimensões, o “transcendental” kantiano representa, antes, sua lacuna irreduzível “como tal”: o “transcendental” aponta algo nessa lacuna, uma nova dimensão que não pode ser reduzida a nenhum dos dois termos positivos entre os quais se abre lacuna (ŽIŽEK, 2008, p. 37).

⁹ O *númeno* designa a *coisa em si*, tal como existe fora dos quadros do sujeito. Quanto o *fenômeno*, designa o objeto de nossa experiência, ou seja, aquilo que aparece nos quadros que lhe conferem as formas *a priori* da sensibilidade e as leis do entendimento [...] Segundo Kant, é essa distinção fundamental entre *fenômeno* e *númeno* que permite resolver a antinomia entre determinismo e liberdade. Porque o homem, como *fenômeno*, é determinado, no tempo, pelas leis da causalidade; como *númeno*, porém, permanece livre – não é determinado por essas leis. (Cf. JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 105).

Podemos compreender essa passagem no sentido da epistemologia kantiana, em que racionalidade e empirismo são assumidos por ele como posturas necessárias para o proceder do conhecimento científico. A disposição de Kant em assumir a sensibilidade e o entendimento como posições necessárias epistemologicamente e sem sobrepor uma posição à outra é genial. De modo que por mais que o conhecimento advenha primeiramente da experiência, a intuição não é possível sem as formas do entendimento, sendo esta condição para o conhecimento. Eis porque o papel da crítica radical realizado entre os dois opostos consiste não em uma posição determinada e unilateral da verdade, mas numa forma irreduzível de espaço vazio entre os dois modos de perceber o real que em Kant é impossível de ser alcançado, posto que o que conhecemos é apenas a representação do *fenômeno* e não a *coisa em si*.

Desse modo, a visão da diferença é mantida como “o interstício puramente estrutural entre elas”, surge uma nova dimensão na lacuna propriamente dita

a do próprio Eu transcendental, de sua “espontaneidade”: a maior das paralaxes, o terceiro espaço entre os fenômenos e o nùmeno propriamente dito, é a liberdade/espontaneidade do sujeito, que, embora naturalmente não seja propriedade de uma entidade fenomenal e, sendo assim, não possa ser descartada como uma aparência falsa que esconde o fato numenal de que estamos totalmente presos numa necessidade inacessível, também não é simplesmente numenal (ŽIŽEK, 2008, p. 39).

Portanto, não há uma redução a nenhuma das posições. Isso reafirma a postura de Kant, que não reduz sua opinião nem ao seu próprio ponto de vista nem ao dos outros, mas mantém-se fiel à paralaxe, por meio da diferença mínima. Por isso, remetendo-se a *coisa em si* de Kant, Žižek afirma que ela só é possível de ser discernível no âmbito da vivência antinômica da realidade. Nossa liberdade só existe entre o nùmeno e o fenômeno.

Caso a verdade chegue a ser ansiada como unilateral, como é o caso daqueles que tomam uma posição contrária das dicotomias kantianas, então a realidade torna-se fragmentação como é citada pelo autor, que diz que toda visão da crítica cultural está preocupada em instaurar ideologias, pois resguarda sempre a defesa de um dos lados dessa dualidade.

A visão em paralaxe, diferentemente da visão realizada pela maioria da tradição filosófica, não compromete a subjetividade dos indivíduos, por isso cada um torna-se sujeito de seu próprio destino. Embora, o pensamento esteja correto, a forma como ele é

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 143-159
--------------	-------	------	-----------------------	------------

apresentado se torna arriscado, pois uma das características que não se pode perder de vista quando tratamos da *paralaxe* é que, o sujeito do tempo torna-se responsável pelas suas próprias ações, sem estar preocupado com a instauração de uma nova verdade.

A verdade, ao contrário do que sempre se acreditou, deve ser sempre preservada como uma crítica permanente, uma denúncia da realidade, uma vez que cada pessoa apreende essa realidade a partir do ângulo pelo qual a olha. A forma como essa verdade será distinguida é uma questão de percebê-la a partir da ótica da multiplicidade, considerando que existem verdades diferentes, dependendo da moralidade de cada sociedade.

CONCLUSÃO

Os termos sujeito, liberdade, dignidade, autonomia, verdade, totalidade são relativamente referências de uma discussão que, à primeira vista, nos remete ao projeto filosófico da modernidade. Retomar essas discussões atualmente seria, no mínimo, considerado uma contradição inaceitável frente ao contexto contemporâneo. Neste, a problemática levantada vai de encontro às percepções de sujeito, rompem com um fundamento último que dava sentido à vida humana, anulam o ideal de liberdade, sendo que o sujeito passa a ser considerado apenas como condição do meio. A autonomia fica relegada a um segundo plano, “sujeita ao nexos do discurso”, posto que o sujeito fica submetido às leis da realidade mantido por ele próprio sob a posição da ordem simbólica assumida por ele como condição para sua existência.

É desta forma que Žižek entende a contraposição teórico-positiva pós-moderna em relação ao projeto da modernidade. Uma vez que ao tentar contrapor o paradigma da subjetividade moderna acabou cedendo ao paradigma da comunicação, entendido pelo filósofo como a ordem simbólica.

Poderia não ter sido assim, se em vez de reflexões determinadas – filosofia analítica, behaviorismo, neurociência, positivismo – tivéssemos cedido a determinações reflexivas sobre o real, posto que o que se fez até agora foi assumir posições definidas que abrem uma cisão entre o sujeito o objeto. Essa tendência é apresentada por Žižek como um fenômeno comum da racionalidade ocidental que deixa fissuras na

compreensão da realidade. Isso acontece porque muitos pensadores recaem no erro de assumir uma visão particular como se fosse esta universal e estática.

Percorrendo o caminho inverso, Žižek retoma o projeto racionalista moderno, especialmente, o que toca o pensamento hegeliano e relaciona aos conceitos da psicanálise de Lacan, a fim de fundamentar sua teoria da *lacuna da paralaxe* e ainda atingir a restauração do materialismo dialético que, segundo o filósofo, é o que vai permitir ao observador uma nova posição e visão do real, não enquanto síntese determinada, mas como um não-todo que escapa a nossa compreensão, pois a realidade tem um ponto cego, uma mancha que indica nossa posição sobre ela.

Em Hegel, as partes opostas são tidas como idênticas, mas mantidas na sua singularidade, fenômeno que possibilita a compreensão da totalidade e ao mesmo tempo a negação das partes contrárias numa forma de conciliação. Em Žižek, a *paralaxe* representa a própria afirmação das diferenças, sendo esta afirmação a síntese esperada entre as posições contrárias, ou seja, a *lacuna paraláctica* ou *antinomiafundamental* que nunca pode ser dialeticamente mediada. Isso se explica pelo fato de que, para Žižek, duas ou mais posições não podem ser afirmadas ao mesmo tempo, no momento em que uma estiver em evidência a outra estará servindo apenas como pano de fundo para que seja possível a liberdade diante da compreensão do todo.

Assim, toda e qualquer singularidade, medida aparente sobre o real, devem ser abstraídas a fim de que a totalidade não seja apenas um emaranhado ideológico de manipulação e sujeição do povo, como acontece com o multiculturalismo em nossos dias.

Nesta perspectiva é que o método de Žižek incorre na proposta de uma crítica permanente sobre o real, que possibilite sempre o salto entre uma filosofia e outra, mas não como uma verdade permanente do real. Do contrário, cairemos sempre na armadilha de não ver nada, na medida em que tentamos perceber de uma só vez todas as ideologias, pois uma ou mais posições não podem ser afirmadas ao mesmo tempo.

REFERENCIAS

BAZZANELLA, S. *Os pressupostos da filosofia política de Slavoj Žižek*. In: GUERRA, O. E.; TELES, I. *Lacunas do Real*. Florianópolis: NEFIPO, 2009, p. 13-42.

KEPLER, S. O. ; SARAIVA, M. F. O. *Astronomia e Astrofísica*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2004.

HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la logica*. Buenos Aires: Editorial Solar, 1992.

NICOLAU, M. F. A. *A Ciência da Lógica no sistema hegeliano*. In: *Revista Kínesis*, Vol. II, n° 03, Abril-2010, p. 144-156.

SENRA, F. P. *Visões do sujeito pós-moderno na musica pesada contemporânea – Sujeito e objeto: uma relação de amor e ódio*. In: *Raído*, v. 3, n. 5, jan./jun. 2009, p. 153-165.

GUERRA, O. E.; TELES, I. *Lacunas do Real*. Florianópolis: NEFIPO, 2009.

KUL-WANT, C. *Entendendo Slavoj Žižek*. São Paulo: Leya, 2012.

LACAN, J. *O seminário: livro II - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BRUDER, M. C. R.; BRAUER, J. F. *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação*. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2007.

SAFATLE, V. Pós-facio: A política do real de Slavoj Žižek. In: _____. *Bem-vindo ao deserto do real!*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 179-191.

ŽIŽEK, S. *A visão em paralaxe*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Bem-vindo ao deserto do real!*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. *Identidades Vazias*. In: *Jornal Folha de São Paulo*, edição de 07 de Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0701200715.htm>. Acesso em 18/12/2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 143-159
--------------	-------	------	-----------------------	------------